

Epílogo

Sem raízes uma flor não consegue desabrochar: a fecundidade do carisma

A 19 de Março de 2005, dia de São José, reúne-se em Milão a Diaconia Central da Fraternidade de Comunhão e Libertação para proceder à nomeação do novo presidente, sucessor de Giussani. Por unanimidade, com um único voto em branco, a assembleia elege o padre Carrón, com quem Giussani quisera partilhar, havia já um ano, a responsabilidade de guia do movimento inteiro, pedindo-lhe para vir de Espanha – como se viu – com plena aprovação do seu arcebispo, o cardeal Rouco Varela.

Imediatamente depois começa o Conselho Nacional de Comunhão e Libertação. Logo a seguir à recitação do *Angelus*, toma a palavra o padre Carrón, que comenta as palavras da oração a Nossa Senhora: «Cristo [...] entrou na história com esta novidade que ainda hoje nos arrebatava», e «esta história chegou-nos – hoje foi a primeira ideia que me ocorreu – através da pessoa que nos é tão querida de *don* Giussani. Nunca teríamos sido capazes de dizer – eu, pelo menos, não sei se vocês também – com esta intensidade “Cristo”, sem ele, sem o encontro com ele, sem termos sido arrastados para esta voragem, em que me encontrei e que hoje adquire toda a sua envergadura, sem esta preferência que o Senhor suscitou diante de mim e diante de todos nós». O padre Carrón insiste: «*Don* Giussani arrastou-nos a todos consigo, fazendo-nos experimentar, de maneira real, o que Cristo é verdadeiramente: foi ele próprio, foi na convivência com ele, ao partilharmos a vida com ele, que Cristo comoveu a nossa vida até ao âmago, trazendo-lhe uma densidade que nunca teríamos sido capazes de imaginar».

Por isso, confessa: o movimento, «para nós, nunca foi como viver uma associação: para nós, foi participar da sua febre de vida [...], neste vórtice de caridade com que Cristo chegou até nós». O desejo do padre Carrón é que Giussani «continue a arrastar-nos com ele, agora que deixou de ser limitado pelo tempo e pelo espaço, agora que participa do domínio de tudo, do poder de Cristo, como já começámos a experimentar. Agora opera – vemo-lo já, todos os dias – mais do que nunca». Apesar do desgosto com a sua morte, o padre Carrón aconselha a olhar o presente na certeza do bem que [nos] espera

a todos: «Calmos, firmes, sem medos nem sobressaltos, não porque sejamos corajosos, não porque sejamos capazes de estar à altura, mas pela certeza de que ele nunca nos abandonará, tal como nunca nos “largou” – a cada um de nós – ao longo de todos estes anos. Hoje, cada um de nós sabe melhor do que ninguém até que ponto é verdade que ele deu toda a vida – toda a vida! – por nós, até ao último suspiro».

Quanto a si próprio, admite: «É em todo este mistério que se insere o meu pobre eu, desde que *don* Giussani assumiu a responsabilidade diante de Deus, ao trazer-me para aqui». Respondendo àquele convite, continua, «durante todos estes meses, tive a consciência de que respondia ao Mistério presente. [...] É como se tudo estivesse inserido num desígnio misterioso». Depois recorda os últimos meses passados com Giussani: «Fizeram com que experimentássemos a sua paternidade: todos, devido à nossa afeição por ele, fomos verdadeiramente gerados como filhos, porque tivemos de nos render àquele desígnio misterioso que se desenvolvia nele. Fui testemunha privilegiada da evolução da sua doença nos últimos meses, em que, instante a instante, nos tínhamos de vergar à forma como o Mistério o levava ao cumprimento, ou seja, tivemos de aprender a obediência ao Mistério nos moldes em que Ele completou a vida de *don* Giussani»¹.

A seguir retoma uma intervenção de Giussani em 1992, de regresso, depois de alguns meses de ausência por doença («O maior sacrifício é dar a própria vida pela obra de Outro»; veja-se aqui, p. 834), observando que «é como se tivesse sido preparado para nós, agora. [...] Só de lê-lo fico arrepiado, agora, porque só agora conseguimos compreender realmente o alcance daquilo que nos tinha dito há anos»². O padre Carrón refere-se àquela passagem em que Giussani afirmava: «*Dar a vida pela obra de Outro*, este “Outro”, histórica, fenomenicamente, em termos de aparência, é uma determinada pessoa [...], sou eu. [Mas] este eu está destinado a desaparecer [...]: mal se pronuncia, a palavra “eu” esfuma-se, perde-se na distância; porque o factor histórico que é possível descrever, fotografar, indicar com nome e apelido está destinado a desaparecer da cena em que uma história começa. [...] Por isso, esta é uma altura em que é muito importante tomar consciência da grande responsabilidade que temos por cada um de nós, porque implica urgência, lealdade e fidelidade. É o momento da responsabilidade que cada um assume pelo carisma»³.

Durante aquela intervenção de 1992, Giussani tinha também indicado as condições para a continuidade da história do movimento: «Eu posso desaparecer, mas os textos que ficam e o seguimento ininterrupto – se Deus quiser – das pessoas indicadas como referência, como interpretação verdadeira daquilo que me aconteceu, tornam-se o instrumento para a correcção e ressurgimento;

tornam-se o instrumento para a moralidade. A linha das referências indicadas é o que há de mais vivo no presente, porque até um texto pode ser interpretado; é difícil interpretá-lo mal, mas pode ser interpretado»⁴.

Por isso a eleição do novo presidente da Fraternidade, comenta o padre Carrón, «é a primeira oportunidade que se nos oferece para mostrarmos a nossa filiação: com esta votação demonstraram-se filhos, porque seguiram o que *don* Giussani tinha indicado como ponto de referência»⁵.

Num Retiro dos Noviços dos *Memores Domini* do Verão de 1997, Giussani leu uma frase de Cristo do Evangelho segundo João: «Convém-vos que eu me vá embora», comentando-a assim: «Isto é como se fosse – como dizer? – para mim, uma confissão, porque eu também estou em vias de me ir embora, estou a ir-me embora, aliás (vocês também, hein!... dentro de cinquenta anos vocês também estarão para ir). [...] Quando um amigo – com quem caminhamos um troço da estrada, aliás, que percebeu todo o nosso cansaço depois da confiança com que começámos – muda carnalmente, quando muda visivelmente, quando muda sensivelmente, isto torna-se uma razão negativa para a nossa própria vocação e chega a passar-nos pela cabeça: “Agora vamos ser menos ajudados, teremos menos confiança, menos...”. A falta da contingência que Cristo usou para entrar na nossa vida faz-nos medo. Se nos falta a pessoa através de quem nos demos, que nos acompanhou, isso torna-se fonte de medo, de temor». Não partilhando desta posição, Giussani preferiu seguir Jesus, e explicou porquê: «É melhor que isto aconteça. Quando perdemos o apego aos moldes em que a verdade se comunica, é nessa altura que a verdade disso começa a emergir claramente». O que não leva à abstracção e ao afastamento da realidade concreta, porque «Cristo vai ter connosco, o Mistério vai ter connosco através de coisas muito concretas, através de uma humanidade, através de uma realidade humana, mas não depende nem de quem é capaz de falar de uma certa maneira nem daqueles em quem têm confiança, não depende disso, da maneira como é, a segurança de que tiram a substância no caminhar não tem a ver com ele, mas depende de Jesus, esta é a nossa garantia: depende de Jesus, vocês entraram em relação directa com o mistério de Jesus, o mistério de Cristo, que governa a história através das vidas que Ele agarra»⁶.

Por isso, continua o padre Carrón, «no seguimento deste ponto contingente, o que está em jogo é a relação com Jesus. Não se trata de preencher o organigrama: é a relação com Cristo, é a nossa vida que está em jogo!». Assim, «temos pela frente toda a aventura de nos conhecermos e de nos tornarmos verdadeiramente companheiros para o destino. Gostava de ser o vosso companheiro para o destino, não me interessa mais nada. Não me interessa o organigrama, o meu interesse é caminhar para o destino, o meu interesse é Cristo,

porque só Ele pode fazer com que eu experimente o frêmito de uma intensidade do viver e não há organização capaz de mo dar. Outra coisa não me interessa. E o que me interessa na relação convosco é isto: tenho interesse em ter relações verdadeiras, leais, não formais, por isto. Não me interessa mais nada, não há nada que me interesse, ainda que possa ceder, por causa do meu mal; mas aquilo a que me tenho de render, como consciência e juízo, pela experiência que faço, é que não há nada que mais me interesse na vida do que Cristo»⁷.

O padre Carrón conclui a sua primeira intervenção como novo responsável da Fraternidade lendo uma frase ditada por *don* Giussani a Gisella Corsico, sua secretária particular, em 1991, e que ela leu durante um almoço com um grupo de amigos num restaurante perto da abadia de Chiaravalle, às portas de Milão: «Chegou o momento em que a afeição entre nós tem logo à partida um peso específico, maior até do que uma lucidez dogmática, do que a intensidade de um pensamento teológico ou a energia de uma condução. A afeição que é preciso trazer para o meio de nós tem uma única urgência: a oração, a afeição a Cristo. De facto, chegou o momento em que o movimento avança exclusivamente por força da afeição a Cristo, que cada um de nós tem, que cada um de nós suplica, invoca ao Espírito para ter». Para o padre Carrón, aquelas palavras surgem como a indicação da tarefa que espera os responsáveis do movimento, e sublinha que «é este o nosso programa, não há outro. Este é o nosso desafio: o movimento avança exclusivamente por força do “sim” de cada um de nós a Cristo, da nossa própria afeição por Cristo. Que isto cresça: é o que esperamos para nós e para o mundo, para a humanidade inteira, porque então nós iremos continuar, através da experiência, como *don* Giussani, a tornar presente ao mundo quem Cristo é: não por palavras, mas por experiência». A oração com que o padre Carrón conclui a sua intervenção no Conselho Nacional do CL dirige-se a Maria e a Giussani: «Entreguemos nas mãos de Nossa Senhora, “de esperança fonte viva”, a nossa história, e peçamos também a *don* Giussani – ele que nos levou tanto a sério, a cada um de nós e ao mundo – que, neste momento histórico, que ele definiu como “solidão brutal”, nos dê a mão, para nosso bem e para o bem do mundo»⁸.

O Padre Francesco: «Estamos num cemitério e parece que estamos num jardim público. Que alegria!»

Em Março o padre Carrón recebe, entre as muitas cartas que lhe são enviadas, uma carta de Torremaggiore (Foggia): há um amigo que o informa de que a mulher foi a Milão, avisando em casa que iria ao cemitério visitar o corpo de Giussani. A filha, Maria, de dez anos, tinha-lhe pedido para deixar

no túmulo este bilhete: «Querido *don* Giuss, tenho de te agradecer o que fizeste por mim e por tantas pessoas. Deste-me uma família e amigos. Peço-te para pedires pelo meu pai, pela minha mãe e por todos aqueles de quem gosto e que estão com muita pena de teres ido para o céu. Obrigada, gosto muito de ti». No verso, a miúda tinha desenhado uma flor com esta frase: «Sem raízes, uma flor não consegue desabrochar. Tu és as raízes e a minha família a flor desabrochada». O amigo conclui a carta ao padre Carrón com estas palavras. «Gostaria de agradecer a *don* Giussani porque, ao dar, indignamente, a minha vida ao que me fez amar: a carne de Cristo, me restituiu tudo o que amo»⁹.

Desde o dia do enterro, o cemitério Monumental de Milão é destino de uma peregrinação contínua de pessoas que ficam alguns momentos em oração ou participam na missa dominical na capela.

A decisão de sepultar Giussani no Famedio, a zona do cemitério em que repousam as figuras mais importantes da história da cidade tinha vindo do Presidente da Câmara de Milão, Gabriele Albertini, com base na constatação de que Giussani «é uma das personalidades mais poderosas e humildes do pós-guerra. É-o não só no campo religioso, [...] mas também pela dimensão social que representa, pelo bem concreto da sua mensagem que se realiza nas pessoas que o praticam»¹⁰.

O padre Francesco Calvi, o capelão, é espectador privilegiado do grande número de pessoas que todos os dias passam o portão do Monumental. Paola Bergamini, da revista *Tracce*, ouve o seu testemunho: «Há sempre alguém diante do túmulo de Giussani. A sua presença, durante todo este ano, transformou a vida do Monumental, trouxe ao cemitério muitas pessoas, muitos fiéis que nem pertencem ao movimento. Pessoas que perguntam onde está sepultado e param, nem que seja uns minutos para uma oração». O padre Francisco conhecia Giussani só de nome, mas confessa que sempre teve «uma grande atenção, um grande afecto por ele e pelo movimento, porque sabia que fazia imenso bem. Agora que vejo tantas pessoas a virem rezar, a minha admiração, a minha atenção tornam-se cada vez maiores».

Desde aquele 22 de Fevereiro de 2005, Giussani «nunca está só», afirma. «Além disso, sábado e Domingo, mal se consegue passar. Já me aconteceu ter de dar a volta para não incomodar. Durante a missa a capela está sempre cheia. Vêm autocarros de todas as partes de Itália e até gente do estrangeiro. Chegam, assistem à missa, depois rezam o Rosário em frente do túmulo e cantam. Cantam a *Salve Regina* [...]. A maior parte deles são jovens. Muitos jovens e muitas crianças com os pais, o que me impressiona muito». Lembra-se de que, dois meses depois da chegada do corpo de Giussani, «na segunda-feira de Páscoa, a seguir à missa, havia todas estas crianças a brincar e a saltar e eu

pensei: “Estamos num cemitério e parece que estamos num jardim público. Que alegria!”. Lembro-me de ter de os avisar que daí a pouco o cemitério fechava». Depois o padre Francesco alude à sua longa experiência de capelão do cemitério: «Geralmente, quando celebro o funeral de uma pessoa idosa, há poucas pessoas, caso contrário é sinal de que a pessoa fez muito bem, como acontece com *don* Giussani, bem que continua a espalhar-se e o testemunho não esmorece [...]. O Senhor faz provar a toda a gente a amargura da morte, mas quem vive bem e está perto d’Ele, tem também a consolação da Sua presença e do Seu amor, como aconteceu com Giussani».

São muitos os que deixam no túmulo bilhetinhos, com pedidos ou com um agradecimento, muitas vezes escritos no momento, em folhinhas arrancadas de cadernos ou blocos de notas. «Isto também me impressiona imenso», observa o capelão «todos estes bilhetes. Há quem agradeça, quem peça uma graça especial» – no túmulo há uns ex votos por graças recebidas –, «quem [peça] simplesmente o dom da fé, por vezes longas listas de nomes de pessoas que se confiam a *don* Giussani, para que as proteja»¹¹.

Eis algumas das milhares mensagens deixadas no túmulo de Giussani¹².

«*Don* Gius, guia-me tu! Ajuda-me a ter um olhar positivo e certo como o teu, que me permita reconhecer Jesus sempre, nas circunstâncias que a vida me dá. Reza por mim e pela minha família, F. e pelos meus amigos, sobretudo por S., N. e família, e pela avó de A.».

«Adeus, Gius, confio-me a ti no caminho do 1º ano do GA [Grupo Adulto; *N.d.A.*]. Reza pela minha simplicidade».

«Caro *don* Gius, peço ao Senhor que não me deixe esquecer tudo o que me ensinaste. Agradecido».

«Caro Gius, confio-te o meu filho que dentro de poucos meses vai nascer. Ajuda-nos a ser pais, a estarmos juntos como marido e mulher. Ampara-nos na vida quotidiana, para que tudo seja vivido por Cristo. Adeus Gius».

«Querido *don* Gius, eis-me finalmente, em frente do teu túmulo, para te agradecer tudo o que fizeste. Peço a tua ajuda e a tua bênção para os meus filhos, para que tu, por intercessão de Maria, lhes dês o dom de encontrar o movimento e para que Cristo seja o centro e o significado da vida deles e para os ajudares nas escolhas que fizerem, nas dificuldades quer físicas quer espirituais. Confio-te todas as minhas preocupações de mãe e confio-te também a minha vida e a do M., neste começo da reforma, para que esteja sempre cheia de amor recíproco, de fé e de alegria, como tu nos ensinaste. Obrigada».

«Caro d. Gius, peço-te para me ajudares a reconhecer e a agradecer tudo o que encontrei na minha vida. Suplico-te que me ajudes a amar os outros e a

vê-los como tu viste o mundo. Quero ser gratuito. Reza pela minha mãe, pela minha irmã, pelos meus familiares e pela minha velha avó, pelos meus colegas de trabalho e por todos os meus amigos. Quero amá-los a todos sem querer nada em troca. A minha vida é para eles. Um grande abraço!!».

«Caro *don* Gius, venho hoje pedir-te a graça do cumprimento da minha vocação. Intercede por mim para, se o Senhor quiser alguma coisa diferente daquilo que eu quero, eu não ter medo e o seguir. Confio-te também a minha amiga J., para que ela também possa dizer sim a Jesus, apesar da dor e do cansaço que lhe pede. Peço-te pelo meu trabalho novo, para que eu ultrapasse a minha insegurança e possa fazer coisas grandes. Além disso faz com que o meu coração e o meu eu possam sempre seguir Jesus».

«Caro *don* Giussani, confiamos-te a nossa Fraternidade, em particular a saúde dos nossos amigos F. e C. Confiamo-nos também a nós, aos nossos filhos e às nossas famílias».

«Intercede pela cura da mãe e continua a acompanhar-me a mim e à minha família, a reconhecer e amar a esperança presente nesta circunstância tão dolorosa. Obrigado pela graça que através de ti Cristo me deu e me dá».

«Caro *don* Gius, intercede por mim junto de Nossa Senhora. Estou sempre a pedir-te as mesmas coisas! Mas Jesus também o disse. Eu também posso dizer: “Seja feita a Tua vontade”. Já estou a ver os frutos deste abandonar-me. Peço-te tanto – sempre, sempre! – por D., a minha irmã, o meu cunhado, que Deus encha a sua solidão e lhes conceda o dom da fé. Aos do costume, acrescento hoje também L. (o milagre da cura) e toda a minha família. G., para encontrar um trabalho estável. Protege todos os meus queridos e vela sobre a minha Fraternidade».

* * *

No fim da missa celebrada na Catedral de Milão, no sétimo aniversário da morte de *don* Giussani, a 22 de Fevereiro de 2012, o padre Carrón comunica ter introduzido o pedido de abertura da causa de beatificação e de canonização do sacerdote de Desio. O pedido foi aceite pelo Arcebispo de Milão, o cardeal Angelo Scola.

«Para responder a uma exigência que surgiu na vida de muitas pessoas», irá declarar o padre Carrón algumas semanas depois, «e que é a possibilidade de invocar a sua intercessão de modo ordenado e correspondente à verdadeira natureza do seu carisma, a Fraternidade pediu e obteve da autoridade eclesiástica competente a aprovação de uma invocação, destinada – atenção! – à

devoção privada, a única admitida pela Igreja em relação a um Servo de Deus, como é agora o caso de *don Giussani*»¹³.

Eis, então, o texto da invocação, impressa no verso de uma pagela de Giussani, com o *imprimatur* de Sua Excelência, Monsenhor Angelo Mascheroni (Vigário Episcopal da Diocese de Milão), de 12 de Abril de 2012:

Ó Pai Misericordioso, nós Te damos graças
por teres dado à Tua Igreja e ao mundo
o Servo de Deus *don Luigi Giussani*.
Ele que, com a sua vida apaixonada,
nos ensinou a conhecer e amar
Jesus Cristo, presente aqui e agora,
a pedir-Lhe, com humilde certeza, que
«o começo de cada dia seja um sim ao Senhor
que nos abraça e torna fértil
o terreno do nosso coração
para o realizar-se da Sua obra no mundo,
que é a vitória sobre a morte e sobre o mal».
Concede-nos, ó Pai,
pela intercessão de *don Giussani*,
conforme a Tua vontade,
a graça que imploramos,
na esperança de que ele
seja contado entre os Teus santos.
Por Cristo, nosso Senhor. Amén
Veni Sancte Spiritus.
Veni per Mariam

Agora, mais uma vez, está nas mãos de Deus.

«O que Deus me fez perceber acima de tudo foi isto: “Tudo o que tens feito, tudo o que veio do teu primeiro passo no Berchet, tudo o que se desenvolveu daquela condição elementar [...] tudo o que nasceu, fui Eu que o fiz nascer”, diz o Senhor»¹⁴.